

• **RESUMENHA**

# A LEITORA CLARICE LISPECTOR RICARDO IANNACE

**Lineide do Lago Salvador Mosca\***

■ **O** vínculo inseparável entre escrita e leitura, entre criação e interpretação fica evidente no livro que Ricardo Iannace publicou pela Edusp, como resultado de sua dissertação de mestrado defendida na Universidade de São Paulo. Estudioso atento de Clarice Lispector e, poderíamos mesmo dizer, afeiçoado à escritora, característica essa notória nos leitores de Clarice, Iannace coloca-se no ângulo de observação em que confluem as leituras da autora e as de suas personagens cujo somatório nos permite uma maior aproximação da totalidade de sua obra e de sua significação.

As teorias contemporâneas voltadas para o discurso/texto apontam para o fato de que o sentido se dá nessa circularidade – produção e recepção – constituindo o que Michel Meyer, professor da Universidade Livre de Bruxelas e um dos grandes nomes atuais da Ciência da Linguagem, chama de “lugar dialético”. Para ele, a interação dialógica é uma dimensão essencial na qual se insere o problema de informar, de comunicar, de persuadir.

Esse conceito é muito importante na medida em que considera a participação tanto do locutor – que propõe – como a do destinatário, que toma parte na problematização. Para Meyer, trata-se da negociação da distância entre os homens, a propósito de um problema, uma vez que a argumentatividade estaria na base de todo ato de linguagem. É, pois, dentro dessa dimensão intersubjetiva, de interatividade na produção do sentido que nos situaremos no exame e apresentação de *A leitora Clarice Lispector*.

Fica patente no livro de Iannace que Clarice constitui um exemplo típico de como escrita e leitura estão intimamente ligadas, sendo que o ato de escrever, com tudo o que ele implica de linearização, de contenção da palavra e de incompletude, tornou-se para ela quase uma obsessão. Soam

---

\* Professora da Graduação e Pós-Graduação do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo – SP.

como que um desabafo as palavras de Clarice em *Fundo de gaveta*: “Mas já que se há de escrever, que ao menos não se esmaguem com palavras as entrelinhas” (p.137). E ainda: “Como em tudo, no escrever também tenho uma espécie de receio de ir longe demais. Que será isso? Por quê? Retenho-me, como se retivesse as rédeas de um cavalo que poderia galopar e me levar Deus sabe onde” (p.197).

Conquanto o trabalho de Iannace tenha como foco Clarice-leitora, não ficam de fora considerações sobre o leitor de Clarice. Sabe-se que a autora tinha o poder de transformar o seu leitor não apenas em cúmplice, mas até mesmo em seu duplo, como se dá com a escritora e crítica canadense Claire Varin, estudiosa da obra da autora, que com ela se identifica a ponto de utilizar como método de análise não só a interpretação, mas a incorporação de atitudes, numa relação especular, tantas são as afinidades entre ambas. Entre as obras da canadense estão *Clarice Lispector. Rencontres brésiliennes*, de 1987, e *Langues de feu. Essais sur Clarice Lispector*, de 1990.

É bem verdade que os textos desenham e delimitam o lugar de um enunciador, recuperado aqui e ali nos enunciados que produz e por meio do acesso às formações discursivas desse enunciador. De uma forma ou de outra, de modo pouco ou muito acentuado, ocorre a inserção do processo de produção ao produto final da escrita, uma vez que nele se tem um sujeito sócio-historicamente instalado.

Uma vez esclarecidos esses pontos teóricos, subjacentes à presente obra – *A leitora Clarice Lispector* –, cabe dizer que recuperar a posição de Clarice do ponto de vista de seu universo de leituras – espreado em suas declarações e no dizer do conjunto de suas personagens – constituiu o objetivo da minuciosa análise crítica empreendida por Iannace.

Com prefácio de sua orientadora, Nádya Gotlib, e pronunciamentos anexos de Aurora Bernardini, ambas professoras da Universidade de São Paulo, o livro é colocado num espaço amplo de reflexões, incluindo as de natureza comparativa que o assunto requer, uma vez que uma questão central é a da intertextualidade/interdiscursividade e do que aí decorre como dialogismo, polifonia e concerto/discordância de vozes.

Concebida em duas partes, a primeira, “Narrando-se a leitura”, é um relato das leituras da autora, obtidas a partir dos muitos gêneros literários a que estava exposta – jornalístico, religioso, literatura infantil, crônicas, romances, contos e poesia –, além de manifestações não-literárias (livros jurídicos, revistas de fotonovela etc.) e também as não-verbais, como as referências a obras de pintura. Assim, o autor repassa gênero por gênero, a partir de uma tipologia que vai do literário ao não propriamente literário, da linguagem verbal à não-verbal, ao passar pelo acervo de textos que constituíram o universo de leituras clariciano e que, de alguma forma, estão presentes em sua obra.

A segunda parte, “Clarice e seus personagens leitores”, consta de cinco análises que mostram a correlação de textos da autora com leituras que fizera, sobretudo em sua adolescência e juventude. São aproximações ao Monteiro Lobato de *Reinações de Narizinho* (contos “Felicidade clandestina” e “Restos de carnaval”); a Katherine Mansfield de *Bliss* (conto

“Amor”), a Mme Leprince de Beaumont de *La belle et la bête* (“A bela e a fera” ou a “Ferida grande demais”), a Herman Hesse de *O lobo da estepe* e a Dostoiévski, de *Crime e castigo* (*A maçã no escuro*) e de *Humilhados e ofendidos* (*A hora da estrela*).

No final do livro, na parte intitulada “Anexo”, têm-se referências a leituras e ao ato em si de ler, emitidas ao longo das obras de Clarice, quer como intertextualidade em seu sentido amplo (conhecimento que se tem de outros textos) quer como o que se pode denominar de intertextualidade estrita (*stricto sensu*), na sua forma explícita, por meio de citações, referências, retomadas do discurso do outro, discurso relatado e outros recursos. Cabe ainda considerar a intertextualidade implícita que se dá pela polifonia, nas vozes de enunciadores diversos, manifestados na ironia, na parodia e em outros expedientes discursivos. Por esse prisma, a questão tão debatida das “influências” fica relativizada, assumindo diferentes enfoques e dimensões. Conceitos como os de memória discursiva, do já-dito, de paráfrase e outros que se aproximam são bem mais precisos e eficazes quando se trata de explicar o *status* do modelo e suas condições de existência.

Como interpretar, senão ironicamente, a modéstia de Clarice ao afirmar “Eu sou tão má leitora que agora, já sem pudor, digo que não tenho mesmo cultura. Nem sequer li as obras importantes da humanidade”. Não é o que nos revela a leitura de suas nada menos que 26 obras, repletas de referências diretas ou indiretas a autores nossos e de outras literaturas. O interdiscurso, sobretudo por meio da memória, perpassa toda a sua obra, alinhavando aquilo que, na manifestação textual, aparece muitas vezes como descosido e fragmentário. É a memória que, mediante o recordar e o não-recordar (o esquecimento), funciona como uma estratégia discursiva das mais importantes. Citar é uma forma de repetir o já-dito e, ao mesmo tempo, de dar voz de autoridade ao que se diz, legitimando-o.

Depreende-se do trabalho de Iannace que é das camadas mais densas da obra clariciana que surgirão as luzes para a apreensão do impalpável, do silêncio e do mistério que envolve o dizer da autora e aos quais o leitor só tem acesso se penetrar nessa atmosfera e nas sugestões por ela desencadeadas.

Nesse sentido, a obra de Clarice aparece-nos como um jogo, um quebra-cabeças a ser decifrado; enfim, uma espera, com toda a sedução que isso implica, fazendo que o seu leitor se torne um co-criador. Assiste-se, assim, à construção/desconstrução de sujeitos por meio de recortes da memória e do exercício da reflexão, criadores de identidades. A função leitor obriga ao preenchimento de lacunas, a uma atividade constante de elaboração do sentido.

Pode-se ver a leitora Clarice nessa dinâmica. O que Iannace nos propõe com o seu livro é uma trajetória pelas leituras que pontuaram a memória de Clarice e que o leitor é convidado a fazer nessa construção conjunta que envolve a escrita/leitura, a invenção/interpretação. Com fina sensibilidade e sintonia com a autora, já mencionada anteriormente, Iannace soube delinear para o leitor o universo clariciano e que ele explicita na presente obra, levando a um melhor entendimento e a uma percepção mais aguda da escritura clariciana.

## Referências bibliográficas

- LISPECTOR, C. *Fundo de gaveta*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964.
- MEYER, M. *Questions de rhétorique: langage, raison et séduction*. Paris: Librairie Générale Française, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Questões de retórica: linguagem, razão e sedução*. Lisboa: Edições 70, 1998.
- VARIN, C. *Clarice Lispector. Rencontres brésiliennes*. Québec: Ed. Trois, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Langues de feu. Essais sur Clarice Lispector*. Québec: Ed. Trois, 1990.

IANNACE, Ricardo.
<i>A Leitora Clarice Lispector.</i>
São Paulo: Edusp, 2001.
(Ensaio de Cultura, 18)

